

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA NORMAL SUPERIOR**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA LIÊTA DE SOUSA MENEZES

**PLANEJAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO: ENTRE DISCURSOS E INTERAÇÕES  
EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA ZONA NORTE DE MANAUS**

Manaus – AM  
2022

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA NORMAL SUPERIOR**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA LIÊTA DE SOUSA MENEZES

**PLANEJAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: ENTRE DISCURSOS E INTERAÇÕES  
EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA ZONA NORTE DE MANAUS**

Trabalho apresentado como requisito parcial para  
CONCLUSÃO de curso em Licenciatura em  
Pedagogia da Universidade do Estado do  
Amazonas. Sob orientação do professor: Msc.  
Wenderson Cruz da Silva

Manaus – AM  
2022

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

M543p Menezes, Maria Liêta de Sousa  
PLANEJAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO: : ENTRE  
DISCURSOS E INTERAÇÕES EM UMA ESCOLA  
MUNICIPAL DA ZONA NORTE DE MANAUS / Maria  
Liêta de Sousa Menezes. Manaus : [s.n], 2022.  
56 f.: il.; 30 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.

Inclui bibliografia

Orientador: Wenderson Cruz da Silva

1. Planejamento. 2. Alfabetização. 3. Letramento. 4.  
Ensino/Aprendizagem. I. Wenderson Cruz da Silva  
(Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III.  
PLANEJAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO:

**Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463**

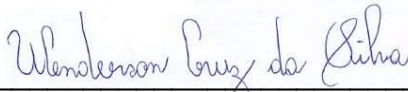
**MARIA LIÊTA DE SOUSA MENEZES**

**PLANEJAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO: ENTRE DISCURSOS E INTERAÇÕES EM  
UMA ESCOLA MUNICIPAL DA ZONA NORTE DE MANAUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a banca de defesa de TCC como requisito para a obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

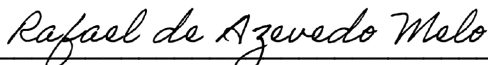
Aprovado em: 28/10/2022

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. MSc. Wenderson Cruz da Silva  
Orientador(a)



---

Prof. MSc. Rafael de Azevedo Melo  
Membro da Banca



---

Profa. Esp. Sued de Castro Oliveira  
Membro da Banca

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os meus professores que sabiamente transmitiram seus conhecimentos, mostrando-nos o caminho das pedras mais preciosas que é o de professorar. Agradeço ao meu orientador, Professor Msc. Wenderson Cruz da Silva, por ter acreditado em meu desempenho e deu-me a mão na esperança de vê uma nova pedagoga, o qual disponibilizou seu tempo para a orientação desta pesquisa. Agradeço principalmente a Deus pela vida e por ter me poupado do vírus da Covid 19 e também à minha família, principalmente meu esposo Paulo Farias de Menezes, que corrigia minuciosamente todos os parágrafos do meu trabalho, também a minha filha Lídia Cristina de Souza Sena, que me ajudou configurando o trabalho e a colega de turma, Dinamar Lorryne Ribeiro que imprimiu meus trabalhos, o meu muito obrigada a todos os meus colegas de curso.

## **LISTA DE SIGLAS / ABREVEATURAS**

**BBC** = News Brasil = É uma subsidiária da British Broadcasting Corporation (BBC) no Brasil, de Radiodifusão, em tradução livre para o português.

**BNCC** = Base Nacional Comum Curricular

**DDZ** = Divisão Distrital Zonal

**GIDE** = Gestão Integrada da Escola

**PPP** = Projeto Político Pedagógico

**PNE** = Plano Nacional de Educação

**TCC** = Trabalho de Conclusão de Curso

**SEMED** = Secretária Municipal de Educação

## RESUMO

Este trabalho foi realizado pensando na realidade da educação pública da zona norte de Manaus e procurando compreender como os educadores dos anos iniciais do ensino fundamental organizam-se e desenvolvem o aprendizado no processo de alfabetização e letramento e como elaboram e executam o planejamento com a base em suas aulas. Os objetivos específicos foram voltados para os seguintes pontos: averiguar o que as professoras entendem por planejamento pedagógico e alfabetização; Verificar como é o plano de ensino para as turmas de alfabetização e letramento, também discutir sobre as aproximações dessas compreensões de alfabetização das docentes presentes nas falas e planos, com os elementos do letramento. Os sujeitos entrevistados da pesquisa foram dois professores de cada ano, no total de 6 entrevistados, sendo que a escola no turno matutino só trabalha com a alfabetização. A pesquisa de campo de caráter qualitativo e os instrumentos foram a observação, entrevista semiestruturada e a análise documental, construída durante o estágio III com as professoras das séries iniciais da escola. O uso da observação à entrevista possibilitou o cruzamento dos dois instrumentos e uma compreensão maior da realidade estudada. A referência teórica destacou os autores: Luck (2009), Gil (2019), Soares (2020), Ferreiro & Teberosky (1999), Freire e Macedo (2011), Vygotsky e Oliveira (1993), e outros. Na análise dos dados foi possível perceber que alguns professores não utilizavam o plano de aula, em seu lugar priorizam o livro didático, há os que improvisavam e outros usavam constantemente o planejamento e ainda carregavam o caderno de registros com referências e atividades extras, caso o aluno não conseguisse fazer o exercício proposto na aula. Não aprovavam o planejamento reducionista que a secretaria de educação propõe.

Palavras chave: Planejamento, Alfabetização, Letramento, Ensino/Aprendizagem

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1. UM BREVE CONCEITO DE PLANEJAMENTO.....</b>	<b>10</b>
1.1 Aproximações Concituais Sobre Alfabetização e Letramento.....	14
1.2 Leitura e Escrita no Processo de Alfabetização.....	19
1.3 Início da Organização da Prática Pedagógica Alfabetizadora e Letramento....	25
<b>CAPÍTULO 2. A METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>31</b>
2.1 O CAMINHO METODOLÓGICO PERCORRIDO NA PESQUISA.....	31
2.2 A abordagem da pesquisa.....	31
2.3 Trabalho de Campo.....	32
2.4 Os Instrumentos da Pesquisa.....	33
2.4.1 A Entrevista.....	34
2.4.2 Observação.....	35
2.4.3 A Análise dos Documentos.....	36
2.5 Análise dos Dados.....	37
2.5.1 Discursos dos Docentes sobre o Planejamento.....	38
2.5.2 Interações e Prática Alfabetizadora .....	44
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIA.....</b>	<b>54</b>



## INTRODUÇÃO

O sentido dessa pesquisa é realizar uma reflexão sobre o Planejamento na Alfabetização: entre Discursos e Interações, observando-se as aplicações das ações pedagógicas em sala de aula, tomando como foco os diálogos e interações dos professores de alfabetização e letramento, nas primeiras séries, no processo de ensino e aprendizagem desses alunos.

Nessa proposta de estudo pretende-se responder às seguintes questões: as aproximações de como dá-se o Planejamento na Alfabetização das séries iniciais consideradas fundamentais nas observações e análises nos capítulos 1.2, acerca da experiência da leitura e a prática pedagógica dos professores, ainda apresenta uma discussão em torno do que pensam os teóricos, a fim de acumular-se conhecimentos que serão imprescindíveis para as intervenções que forem surgindo no decorrer da pesquisa.

Para enriquecer os dados pesquisados foram registrados relatos de experiências adquiridas nos três estágios, realizados no curso de Pedagogia, com crianças da Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental até o terceiro ano e a dificuldade enfrentada para estudar no período pandêmico e no contexto de hoje, constatou-se que não houve desenvolvimento na aprendizagem da leitura e escrita das crianças, causadas pelas várias mazelas sociais do país.

No capítulo 2. O caminho teórico metodológico foi desenvolvido na pesquisa de caráter qualitativo sob a forma de levantamento de dados, e organizado nas seguintes etapas: levantamento bibliográfico, metodologia e pesquisa de campo, obtenção e análise dos dados e produção de texto. A pesquisa de campo foi realizada em uma Escola Municipal de Educação fundamental I em Manaus.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada gravada e observação participativa nas salas de aula. A mesma foi construída durante o Estágio III, com a participação das professoras dos Anos Iniciais da escola. A leitura dos documentos (PPP e Planejamento dos professores), da entrevista e a observação, que possibilitou o cruzamento dos instrumentos a uma compreensão maior da realidade estudada. A entrevista foi composta em sua totalidade com seis professores.

As observações foram feitas no chão da escola, nas salas de aula, porém sem os cantinhos da leitura, pois a escola não possui área de recreação as atividades de educação física são praticadas no refeitório, indagações permeiam principalmente no que cerne as dificuldades para alfabetizar e letrar os alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental I, principalmente nesse período da pandemia, com os alunos do 1° a 3° ano, que passaram pouco meses em aulas presenciais na escola, neste ano letivo sem motivação de laser para as crianças.

## **CAPÍTULO 1: UM BREVE CONCEITO DE PLANEJAMENTO**

Neste capítulo será trabalho conceitos do planejamento na alfabetização e letramento que segundo Soares (2020) desde as primeiras semanas do ano letivo a escola deve planejar e para isso, os diagnósticos periódicos são de extrema importância para a aprendizagem, desde a Educação Infantil, este registro avalia o conhecimento que o aluno trás de casa possibilitando novos aprendizados.

O planejamento é essencial para todas as áreas sociais, como: da saúde, do meio ambiente, da agricultura e da economia em geral do país, principalmente da educação, pois todo cidadão precisa dela para aprender a viver em sociedade e exercer a cidadania a partir do conhecimento educacional. Assim a escola precisa do seu planejamento, portanto o professor comprometido com a educação, elabora o plano de forma sistemática e organizada, para a realização de sua aula.

De acordo com Luck (2009), “[...] O planejamento surgiu como uma necessidade e um método da administração para o enfrentamento organizado dos desafios que demandam a intervenção humana”. Assim como, no ensino o plano de aula é o roteiro para transmissão da aprendizagem e principalmente para verificação do desenvolvimento do aluno, de propor novas atividades e a utilização de metodologia da atualidade como os meios para formação das rodas de conversas, das leituras e escritas em que o aluno se torna igual, e não inferior ao colega da frente.

Soares (2020, p. 205) “cabe, porém à escola planejar de forma sistemática a leitura e compreensão de textos, tanto para crianças que ainda não sabem ler como para crianças já alfabetizadas”. Pois o diagnóstico aplicado, dá uma clareza para a realização do planejamento sistemático, na busca de saber e desenvolver o que o aluno já trás de casa para a escola, como também de novos conhecimentos para a turma, mas o professor que não planeja, ocorre no que diz Luck, sem o planejamento o professor dá aula, entretanto não promove a aprendizagem efetiva:

[...] sem planejar, trabalha-se, mas sem direção clara e sem consciência entre as ações. Dá-se aula, mas não se promove a aprendizagem efetivas; realiza-se reuniões, mas não promove convergência de propósitos em torno das questões debatidas; realiza-se avaliações, mas seus resultados não são utilizados para melhorar os processos educacionais; enfrenta-se os problemas, mas de forma inconsistente, reativa e sem visão de conjunto, pela falta de análise objetiva da sua expressão e de organização das condições para superá-las (LUCK, 2009, p. 32).

A autora enfatiza que, sem o planejamento o professor fica sem realizar um ensino com eficácia, transmite o que lembra e muitos assuntos essenciais são esquecidos sem dar a oportunidade dos alunos assimilarem melhor a aprendizagem, perde muito tempo com justificativas de suas próprias experiências sem fazer cruzamentos com os teóricos dos conteúdos e a realidade do momento social vividos pelos alunos, deixando que as aulas sejam desinteressantes e até cause a desistência de alguns alunos da turma.

A importância do planejamento conforme Neves (2000) “está em garantir um trabalho docente eficiente, de modo a evitar a rotina, a improvisação, a informação não pensada na conquista de um saber totalizante; garantindo a conquista dos objetivos previamente pensados para uma execução com eficiência”. Acredita-se que com o material de ensino preparado para a aula, possibilitará ao professor um desempenho em suas aulas e o seu objetivo de ensino será alcançado.

O planejamento quando pensado e executado torna-se aula, segundo Neves (2000) “É um projeto das ideias educativas selecionadas que o mestre e aluno devem realizar, conjuntamente, versando sobre a matéria de ensino, em vista de objetivos próprios, durante o período escolar que denominamos aula”. E no Plano Nacional de Educação de 2014/2024 diz que cabe aos responsáveis pela educação do país que cumpra essa lei:

O Plano Nacional de Educação para o decênio 2014/2024, instituído pela Lei nº 13.005/2014 definiu 10 diretrizes que devem guiar a educação brasileira neste período e estabeleceu 20 metas a serem cumpridas na vigência. Essa mesma lei reitera o princípio de cooperação federativa da política educacional, já presente na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao estabelecer que “a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios atuarão em regime de colaboração, visando ao alcance das metas e à implementação das estratégias objeto deste Plano” e que “caberá aos gestores federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal a adoção das medidas governamentais necessárias ao alcance das metas previstas neste PNE...”

O planejamento geral da escola – o projeto político pedagógico é realizado em coletividade com todos os membros que compõe a comunidade escolar como: os funcionários, os pais ou responsáveis, pedagogos, professores e gestor. Segundo Vasconcellos (2002) “projeto político pedagógico (ou projeto Educativo) sendo o plano integral da instituição. Compõe-se de Marco referencial, diagnóstico e programa. Dimensão pedagógica, quanto a comunidade administrativa da escola”. De acordo com o planejamento escolar, ele deve ser flexível para que todos participem.

As desigualdades educacionais em cada Território com foco nas especificidades de sua população; a formação para o trabalho, identificando as potencialidades das dinâmicas locais; e o exercício da cidadania. A elaboração de um plano De educação não pode prescindir de incorporar os princípios do respeito aos direitos humanos, À sustentabilidade socioambiental, à valorização da diversidade e da inclusão e à valorização dos Profissionais que atuam na educação de milhares de pessoas todos os dias.(PNE 2014/2024)

Todos podem contribuir para o futuro das crianças da comunidade escolar, o mediador dialogando, refletindo a realidade do aluno, mostrando no contexto das histórias lidas e trabalhadas, com a realidade vivida do aluno, assim assimilando o contexto da realidade vivenciada na sua vida. E sobre as funções do planejamento, Libâneo (2007) diz que o planejamento “explica os princípios e diretrizes do trabalho do docente que asseguram a articulação entre as tarefas da escola e as exigências do contexto social e do processo de participação democrática”.

[... ] a Alfabetização das crianças, no máximo, até o fim do terceiro ano do ensino fundamental. Fator Decisivo para a implantação de tal medida são resultados de pesquisas revelando que, quando as Crianças ingressam na instituição escolar antes dos 7 anos de idade, apresentam, em sua maioria, Resultados superiores em relação àquelas que ingressam somente aos 7 anos. Como se sabe, As crianças de 6 anos pertencentes às classes média e alta há muito já se encontram na escola, Frequentando o pré-escolar ou o primeiro ano do ensino fundamental. Assim, o ensino de 9 anos Tem, nos segmentos das classes populares, os seus principais beneficiários, (PNE, 2014/2024).

O documento mostra uma das causas das desigualdades na educação do país, mas quando o planejamento é compreendido como atividade prática do professor, este planejamento de ensino coloca os discursos em movimento, legitimando o modos de saber-poder e configura subjetividades, Foucault (1996). “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas e os sistemas de dominação, mas aquilo [...] pelo que se luta; o poder do qual nos queremos apoderar”. Pois o diálogo faz o aluno pensar e promove o conhecimento esperado pelo educador.

O autor mostra que quando o professor desenvolve um planejamento reflexivo o discente tem a visão de reconhecer com quem está lutando e de se munir de armas, de saberes, para não se deixar aprisionar pelo sistema. Freire diz que para elaborar um eficiente plano de aula, são necessários esses pré-requisitos, Freire (1996) “pesquiso para constatar, constatando, intervenho, educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar a novidade”. De modo que o professor segundo Freire é um eterno pesquisador e sem eles, fica sem seus instrumentos de trabalho.

Os docentes que praticam as articulações das tarefas educativas com a realidade dos alunos junto à comunidade ganha uma educação de qualidade, pois é a partir dessas articulações entre o conhecimento e a realidade social, que é trabalhado o letramento desenvolvido pelas autoras Soares, Ferreiro e Teberosky, elas pesquisaram a alfabetização, Soares, observa os planejamentos das professoras da educação Fundamental I e as duas autoras desenvolvem suas pesquisas com crianças de 4 a 7 anos.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) – Na sua teoria da Psicogênese da Linguagem Escrita, elas planejam, de maneira que essa teoria explique como a criança adquire o entendimento da linguagem e escrita, para isso, ela formula suas

próprias hipóteses. E compreende que precisa das letras para escrever as palavras, ao desenvolver essa fase da escrita ela passa a consolidar outras hipóteses e assim adquirindo o conhecimento mais complexo, elas acreditam que a criança precisa estar em um ambiente alfabetizador para alcançar o desenvolvimento cognitivo.

Portanto o planejamento segundo os teóricos descritos acima deve ser flexível, interrogando sempre se domina o conhecimento do conteúdo e para responder todas as suas dúvidas o professor pesquisar é o melhor caminho, para conhecer as mudanças ocorridas no contexto social. E acrescentando o saber prévio dos alunos, observando os diálogos subjetividades e assimilações realizadas na ministração das aulas e em seu meio social.

Mas o educador não pode seguir o caminho mais fácil, de acompanhar os alunos selecionados, por possuírem o ritmo mais acelerado de aprendizagem e exclui os outros, segundo Soares, deve formar grupos com crianças de diversos ritmos de aprendizagem para que os que já aprenderam ajudem seu colegas e assim cresçam no conhecimento juntos, pois o planejamento no processo de Alfabetização deve ser recheado de atividades dinâmicas, com jogos lúdicos, que proporcione a criança a felicidade de estar em sala de aula com seus coleguinhas e sua professora.

### **1.1 Aproximações conceituais sobre alfabetização e letramento**

Percebe-se que ao escrever sobre as leituras à luz dos autores da área e desenvolver os saberes transcritos aqui, constrói-se uma verdade sobre o tema a alfabetização e com o conhecimento desenvolve-se a escrita conceitual sobre os assuntos, conforme Soares (2020) a perspectiva de alfabetização letramento afirmando que o alfabeto é um objeto cultural, faz parte do cotidiano do aluno, isto é:

O alfabeto, um objeto cultural, é considerado uma das mais significativas invenções na história, da humanidade. Ele representa a descoberta de que as cadeias sonoras da fala podem ser segmentadas, que os segmentos podem ser representados por sinais gráficos, o que torna extremamente econômico a escrita (Soares, 2020, p. 47).

A autora explica o processo da alfabetização e letramento, mostrando o significado do alfabeto e conta como a história aconteceu. A necessidade que levou o homem à invenção e apropriação dela, para poder realizar as interações, interpretações e leitura do mundo de seus negócios econômicos e culturais mercantilista.

Soares diz também, que para a criança que vive em uma sociedade grafocêntrica, antes de entrar na escola ela já possui aproximação do conceito de escrita alfabética, em seu contexto sociocultural, como os nomes dos cereais que são empacotados com os nomes dos produtos; de arroz, feijão, macarrão, milhos e outros, as placas com os nomes dos recintos comerciais, supermercados e de bancos.

Pois, todas essas experiências com a língua escrita e com o ingresso na escola, com interação do desenvolvimento de processo cognitivo e linguístico, a aprendizagem se desenvolve de forma sistemática, isso acontece no ambiente escolar. Entretanto, a autora mostra que neste período a criança ainda não possui a consciência fonológica, que vai ocorrer mais tarde e com mais experiências adquirida no processo de aprendizagem. Já na Base Nacional Comum Curricular, também enfatiza a alfabetização e letramento, como:

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos [...], (BNCC, 2018, p. 59).

Nesse documento da educação nacional, faz referência aos trabalhos voltados ao desenvolvimento das crianças na escola, ela já passou pela escrita dos desenhos, rabiscos e garatujas, agora como diz Soares (2020) vai “compreender que a escrita é arbitrária não é desenho”. É quando o alfabeto é exposto na sala em fichas com desenhos e seus nomes, daí passam a compreender que as palavras possuem letras do alfabeto e se apropriam delas para a escrita de suas próprias palavras e ao término do primeiro ano o correto é que a criança já saiba ler e escrever as palavras simples.

Também temos o exemplo mostrado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica que indicam que as crianças comecem a estudar aos 6 (seis)



anos e os conteúdos escolares passam a serem compreendidos, No entanto, elas já estão adaptadas ao convívio escolar desde a Educação Infantil, pois têm professoras que já inicia a apresentação das palavras e letras para sua turma:

Desde os 6 (seis) anos de idade, os conteúdos dos demais componentes curriculares devem também ser trabalhados. São eles que, ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo, (BRASIL, 2013, p. 121).

Este documento sinaliza que a criança com seis anos, já iniciam o 1º ano, e passam a ter nas aulas, as 5 disciplinas, que segundo o documento, a criança passa a obter uma visão ampla de mundo, a partir dessas disciplinas. e o seu conhecimento de leitura torna-se significativa juntamente com a escrita, mas para isso é necessário que os professores trabalhem o processo de aprendizagem nas interdisciplinaridades como de geografia, história, artes e as outros materiais.

Portanto, isso contribuem para esses olhares, para o conhecimento do mundo infantil, do imaginário em poder produzir histórias (orais) com suas imaginações e com interpretação das histórias contadas e com desenhos que provoque o desenvolvimento cognitivo e linguístico para compreender que o sistema alfabético faz parte da escrita e da leitura e atingir diferentes objetivos, segundo Soares:

Processo de apropriação da tecnologia da escrita, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades - necessárias para A prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas, [...], capacidade do uso da escrita para inserir-se na prática sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário [...], (SOARES, 2020, p. 27).

A autora, indica que toda criança leva para a escola seu universo simbólico e com o lúdico a criança pode imergir no imaginário para informar e ser informada acerca da leitura e escrita e quando os professores realizando as leitura e interações, as crianças são inseridas no letramento. Conforme Soares (2020), o letramento é um

conceito com várias práticas sociais que desenvolvem a escrita em diferentes contextos. Pois, a alfabetização é um processo de apropriação cultural, que passam pelo despertar da consciência fonológica e explica os conceitos:

Na “escrita silábica sem valor sonoro” este conceito ocorre quando a criança escreve letras que ainda não formam as palavras. Soares indica em um desenho de uma xícara, quando a criança escreve – I AM, já as sílabas com valor sonoro, que a escreveu assim, a xícara - XIAA, neste segundo exemplo, a criança já possui a capacidade de refletir o som da fala e a cadeia sonora que forma a palavra.

Para esses exemplos ela observou os trabalhos realizados com professoras da Educação Infantil, com práticas pedagógicas e experiências com historinhas e interações com os alunos para desenvolverem a escrita alfabética e interpretação textuais, de bilhetes, de fábulas, de parlendas, de poemas e outras literaturas infantis, assim Soares nos mostra que:

Para que o sistema de escrita alfabética seja plenamente compreendido e assim se complete a alfabetização o foco não deve ser o ensino (o método), mas a aprendizagem, como a criança aprende. A partir das concepções que vai progressivamente elaborando sobre a natureza da escrita (SOARES, 2020, p. 119).

Conforme Soares, o sistema de escrita alfabética deve ser compreendida pelo aluno que passa por concepções progressivas da escrita das letras, sílabas e das palavras e se completam com suas concepções linguística, a criança compreenda a natureza desse ensino e aprendizagem da língua escrita, mas na maneira como esse aprendizado é conduzindo e como a criança está assimilando e desenvolvendo a partir do seu dia a dia com seu cognitivo formulando novos saberes Soares diz que:

O processo de alfabetização, não considerando apenas a aprendizagem do sistema da escrita, mas acompanhando os passos que vão conduzindo a criança, em seu desenvolvimento cognitivo e linguístico, à compreensão do que é o sistema alfabético (SOARES, 2020, p. 289).

Soares (2020) também enfatiza a prática de interações textuais de leitura oral realizadas pelas professoras e a visualização da escrita na lousa de listas de nome

dos personagens das histórias com a participação das crianças, faz com que haja um progressivo desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita alfabética, ela já destacou também os gêneros das cantigas, que as crianças gostam tanto de se imaginarem na historinha e que aguça o cognitivo imaginário e na formação de sílabas e palavras de textos de sua realidade social. Que para Soares é necessário que:

[...] diante das muitas e variadas demandas de leitura e de escrita, e que é necessário aliar a Alfabetização ao que se denominou de Letramento, entendido como desenvolvimento explícito e sistemático de habilidade e estratégias de leitura e escrita. Colocando o foco na aprendizagem, para a partir dela definir o ensino, conhecer e acompanhar o desenvolvimento linguístico e cognitivo (operações mentais) das crianças de 4 a 8 anos, com atenção permanente ao que elas já sabem e aos que capazes de aprender. Aprendendo mais cedo e mais rapidamente do que se espera (SOARES, 2020, p. 11).

De acordo com a autora, o professor deve em suas aulas aliar a Alfabetização ao letramento com o ensino sistemático e demonstrando nos textos orais ou lido em duplas ou individual com ajuda do professor, com textos sugestivos e com curiosidade e desenvolvendo assuntos que sejam conhecidos da criança, assim dando condições para a criança desenvolver na área linguística e intelectualmente, com atenção para o que ela já sabe no conhecimento e uma aprendizagem sem base para a busca de novos saberes de novas concepções teóricas para a reprodução desse conhecimento.

Essa concepção do real, e a produção dessa habilidade de reprodução do conhecimento do social, isso faz parte do letramento, essa produção cultural da invenção humana, Soares (2020), diz que é “fruto de uma abstração” tornar o som visível - ensinado explicitamente”. Pois, a criança passa por fases na escrita, como diz Ferreiro e Teberosky (1999), e critica a memorização das sílabas, pois este processo não desenvolvem processo linguístico/cognitivo, dificultando assim a leitura do aluno é aí que crianças começam a formular suas próprias hipóteses, como:

Quando a criança começa a trabalhar com a hipótese silábica, duas das características importantes da escrita anterior podem desaparecer momentaneamente: as exigências de variedades e de quantidade mínima de caracteres. Assim é possível ver aparecer novamente caracteres idênticos (por certo, quando ainda não há valor sonoro estável para cada um deles) [...], (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 212).

Conforme as autoras, as crianças começam a compreender que as palavras são divididas em sílabas e formulam as hipóteses da escrita, nesta fase é quando não há valor sonoro estável, as vezes com duas consoantes ou até com mais letras elas pensam que formaram as sílabas. Ela já entendeu a estrutura da palavra e consegue identificar a quantidade de sílabas, mesmo sem usar o grafema correto e em cada fase a criança terá avanço com a sua formação de hipóteses seguintes para seu desenvolvimento educacional, tanto na escrita e leitura.

## 1.2 Leitura e Escrita no Processo de Alfabetização e Letramento

Neste tópico destaca-se a perspectiva da aprendizagem da leitura e escrita no período da alfabetização e letramento, como os Vygotsky explicam que essa prática pedagógica é significativa desde a Educação Infantil. Pois o processo de desenvolvimento da aprendizagem é fundamental conforme Oliveira, Vygotsky e (1993) “os processos de aprendizado movimentam os processos de desenvolvimento e o percurso de desenvolvimento se dá de fora para dentro, por meio da internalização de processos interpsicológicos”.

O autor mostra que a atuação do professor neste processo da aprendizagem no grupo social da educação, como na mediação do aluno na compreensão dos processos interpsicológicos que serão internalizados, com a prática pedagógica em usar das brincadeiras das crianças, como as representações imitativas das profissões dos pais, Pois se o pai for um pedreiro, o filho vai brincar de construir de casas ou um coletor de lixo, esse aluno vai brincar de manter a cidade limpa, nessa aprendizagem, o professor pode interferir na zona de desenvolvimento proximal do aluno.

E provocando o avanço do desenvolvimento, como, “bom ensino”. O aluno motivado, com a importância que têm os trabalhos de seus pais, para o bem da

sociedade e o professor desenvolvendo produção textual, tanto oral, como exercitando a escrita e leitura das letras. Um exemplo real é o convite do aniversário da criança, com o gênero textual, pois é um ato social concreto do conhecimento do aluno e de sua vivência. Ele compreenderá as informações ou inter-relações entre informações trabalhadas e explicadas sobre esse gênero.

Diante desta perspectiva realizado socialmente na aprendizagem, dos gêneros textuais são desenvolvidos, como a prática de leitura e escrita nos viés sociais. conforme os autores Freire e Macedo (2011) “O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler as palavras”, essa produção textual, ocorrer desde o 1º anos escolar, com o gênero bilhete, pois, nesta idade, eles já sabem ligar para mães e outros parentes, avisando de algo que precisam ou de outros assuntos.

A leitura do mundo é o letramento, onde professores desenvolvem o ensino da leitura textuais e neste ato cultural os alunos aprendem a realidade. Pois no currículo da alfabetização segundo Soares (2020) nas categorias dos gêneros textuais: convites e carta que são conhecidas em seu meio social, como a categoria injuntivo: que desenvolve as regras de comportamento e dos jogos, com essa mediação é promovida as relações sociais, pois elas são para a vida toda em sociedade e nas narrativas a criança pode relatar suas experiências e assimilar outras vivências sociais.

E segundo Soares, os professores ao planejarem estratégias para utilizarem e desenvolverem a compreensão e interpretação dos gêneros textuais para sua turma. Promovendo o conhecimento completo sobre as obras trabalhadas nas aulas de leitura e escrita, antes de fazê-lo: mostrar o livro ou coletânea de poesia e sua capa; durante a leitura o professor deve esclarecer o significado das palavras novas para crianças e depois da leitura, estimular as crianças a criarem novas historinhas. Logo a apresentação, vem o título e relembrando os textos lidos anteriormente estudados.

O texto poético, para crianças no ciclo de alfabetização, são, por um lado jogos linguísticos, brincadeiras com palavras e os sons delas, por outro lado, incentivo para uma percepção do mundo estético, emotivo, poemas nesta fase não são para analisar, mas para apreciar, memorizar, cantar, recitar, perceber o jogos dos sons e dos sentidos das palavras (SOARES, 2020, p. 212).

Com essas informações o professor realiza a leitura da categoria poética, seja ela poemas, parlendas, cantigas, trava-lingua e adivinhações, após suscitar curiosidades do gênero literário, apresenta-lhe a escrita de letras e palavras. Mas no período pré-silábico, conforme Ferreiro e Teberosky (1999) “A intenção subjetiva do escritor conta mais que as diferenças objetivas no resultado”. Com a idade de 3 e 4 anos é o 1º níveis de hipóteses, e dizem que neste nível a criança representa a escrita na forma de rabisco e desenhos sem diferenciá-los:

[...], depois de passar pelas etapas em que a escrita é considerada como uma espécie de desenho – que não difere do desenho senão, talvez, porque o que se desenha são nomes dos referentes e não suas características figurais – e, antes de chegar a supor que a criança representante – ainda que imperfeitamente – os sons distintos da fala, a criança passa por uma etapa em que a suposição básica (...) consiste em supor que o que se indica no texto é o valor particular do argumento e da relação que os vincula, (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 162).

E explica que os desenhos do 1º nível, alguns representam formas geométricas de linhas fechadas e abertas, como: triângulo ou círculo, que para elas, os mesmo desenho representam diversos significados. E no 2º nível, as crianças de cinco anos ou que cedo começam a estudar, adquirem experiências, principalmente as de família da classe média, que recebem recursos culturais no contexto de sua aprendizagem e no desenvolvimento da escrita, que logo aprendem a escreve seus nomes corretamente e algumas palavras de sílabas simples como papai e mamãe e outras.

Portanto, com esse olhar, as autoras enxergam as disparidades sociais que acaba sendo inserida na vida acadêmica dos aluno e dos profissionais da educação pelo sistema capitalista, que essas mazelas refletem na nossa educação e aparecem intrínsecas em nossa cultura. Ferreiro e Teberosky, pesquisaram a leitura com

crianças de 4 a 6 anos, e viram esse fato social entre crianças da classe média, com mais oportunidades culturais, pois as mesmas conseguiram interpretar as diversas leituras que lhes foram propostas, pois as outras da classe baixa não conseguiram.

As autoras classificaram o grau de relações lógicas das crianças, a partir das leituras feitas das figuras dos desenhos e as argumentações feitas por hipóteses, que conforme as suas afirmações tinham relações com os desenhos das lâminas apresentadas pelas autoras. Tal conhecimentos ocorrem hoje, nas salas de aula da Educação Infantil, quando leem desenhos e levantam hipóteses, resolvem problemas mentalmente ao contribuí para seu desenvolvimento, promovendo o processo da linguagem e aprendizagem hipóteses e desenvolvendo interpretações e produções orais.

Portanto a formulação da hipótese sobre a imagens parte do raciocínio, que ao vê-la acomoda a outras guardadas na mente e assim formula o argumento, conforme Piaget (2003) “A assimilação não se reduz a uma simples identificação, mas a uma construção que se inicia com informação que está guardada na mente do sujeito”. Pois implica necessariamente em assimilar as informações, que ocorrem a cada relação existente entre o sujeito e o objeto. Segundo, Ferreiro e Teberosky mostram que com a participação das crianças, também é uma prática social da leitura e escrita:

[...], Isso é, a mão que escreve e o olho que lê estão sob o comando de um cérebro que pensa sobre a escrita que existe em seu meio social e com a qual toma contato através da sua própria participação em atos que envolvem o ler ou o escrever, em práticas sociais mediadas pela escrita, ( FERREIRO & TEBEROSKY 1999, p. 8)

Nesta processo de aprendizagem, elas apresentam os sentidos que a criança utiliza para o ato da leitura e escrita e sabem também quando a professora está lendo silenciosamente, elas percebem essa leitura, mesmo não sabendo ler, mas, conhece muitas coisas específicas sobre a atividade de leitura e seu significado. As teóricas mostram na página (172) que “Os atos de leitura silenciosa se definem em si mesmos, os gestos, a direção do olhar, o tempo e o tipo de exploração, são índices que mostram e demonstram uma atividade de leitura silenciosa”.

Neste exemplo, são de crianças da classe média, que vê seus pais realizando leitura silenciosa com seus jornais, revistas e livros. Já nos dias de hoje, os pais estão sempre na frente dos computadores pesquisando e escrevendo sem falar nada e rindo com as mensagens do aparelho, para a criança isso é normal, passar horas lendo silenciosamente e esboçar um ar de satisfação com as mensagens. Mas, as crianças da classe baixa pesquisadas pelas autoras, neste caso falta-lhe a experiência dos pais com hábitos da leitura de livros e jornais.

Que conforme Ferreiro e Teberosky (1999, p.168): dizem que: A criança julga a leitura silenciosa e o folhear como uma busca anterior à própria leitura. Para ler neste nível, é necessário acompanhar o gesto com a voz, (IBDEM, p.168) e a leitura precisa do som da voz e que não podia ser concebida sem 1999 p voz do leitor, pois, a realidade social dessas crianças são de pais que saem cedo para o trabalho e só retorna à noite ou de mães domésticas como baixa escolaridade.

Entretanto esse hábito de ler jornais impresso na classe média na atualidade tem diminuído, a maioria das pessoas leem as notícias em seus aparelhos eletrônicos. Há 12 anos atrás, aqui em Manaus circulava um jornal impresso, que se chamava “Dez minutos” em quase todos os comércios da zona norte tinham uma prateleira com eles, ao comprar o pão com o troco era comprado o jornal, a classe baixa lia-os todos os dias, mas depois que saiu uma notícia de um político do Amazonas, ele sumiu, prejudicando assim os pobres que estavam criando o hábito de ler jornais.

Pois com a contínua leitura o adulto e a criança desenvolvem essa habilidade, porém ainda existe professores que não gostam dos trabalhos apresentados por Soares e nem das autoras da psicogênese da língua escrita, sobre as divergências entre os defensores do método sintético e dizem que a memorização não é fixada no cérebro ou na mente da criança como o ato de assimilação que é um processo que vai aumentando o conhecimento conforme o desenvolvimento transmitido e mediado pelo professor e dizem que:

[...] inicialmente, a aprendizagem da leitura e da escrita é uma questão mecânica; trata-se de adquirir a técnica para o decifrado do texto, pelo fato de se conceber a escrita como transcrição gráfica da linguagem oral, como sua imagem (imagem mais ou menos fiel, segundo casos particulares), ler equivale a decodificar o escrito em som. [...] O método será tanto mais eficaz quanto mais o sistema da escrita estiver de acordo com os princípios alfabético, (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 22).



As autoras mostram que esse método tradicional não é satisfatório para a compreensão das crianças que precisavam ser alfabetizadas, pois dificultavam a compreensão da aprendizagem da leitura com o domínio imperfeito da mecânica da leitura, elas pesquisaram as maneiras da leitura como as crianças, que imitam os adultos no ato de ler e mostram as mudanças na maneira de compreender os processos de aquisição da língua oral da criança, pois os tradicionais se preocupavam com a quantidade e variedade de palavras utilizadas pela criança.

Na verdade o aprendizado é um processo que conforme Ferreiro e Teberosky (1999) “no lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao caso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala a sua volta” com isso deixa explícito que a criança deseja compreender o processo da linguagem social, mostra que ela fórmula hipótese e busca construir por si mesmo sua linguagem, ao contrário o tradicional que a criança recebe a linguagem fabricada pelo adulto.

Assim também Soares (2020) diz que “colocando em foco a variedade de demanda de leitura na aprendizagem da criança e acompanhando o desenvolvimento linguístico e cognitivo os quais atuam permanentemente”. Ela mostra que se os professores desde a educação infantil até os oito anos, trabalharem com textos e deixarem as crianças apresentarem suas ideias e participarem da interpretação da leitura, a aprendizagem ocorrerá mais rápido do que o esperado.

E Soares, (2020, p. 34) “A leitura e a escrita no processo de alfabetização e letramento, no conceito de texto é ampliado com o discurso sobre tipos e gêneros textuais no ciclo da aprendizagem inicial da língua escrita”. Portanto o processo da aprendizagem da leitura é compreendida por esses autores, com um grande valor cultural, em que a criança busca a aquisição do conhecimento resultando em produções de hipóteses e desenvolvimento da escrita, leituras e suas produções linguística.

### 1.3 O Início da Organização da Prática pedagógica na Alfabetização e Letramento.

É na Educação Infantil, onde se inicia o processo de aprendizagem da leitura das primeiras letras e suas escritas. Durante o Estágio I, que observou-se em uma aula presencial a prática pedagógica de incentivo a leitura dos alunos de 5 anos, na hora de brincar de ler, a professora trouxe o baú cheio de obras literárias infantis e colocou a disposição da turma.

De modo que as crianças tiveram várias reações com os livros, pegaram-nos e olhavam e faziam gesto que não estavam encontrando a literatura de sua preferência e continuavam procurando, uns só olhavam e saíam de perto do baú, outros davam a entender que tinham encontrado e imitavam um adulto lendo. Conforme Pimentel (2011, p. 157) “antes de afirmar que as crianças estavam brincando de ler, melhor seria afirmar que uma das formas de as crianças aprenderem a ler é lendo, explorando livros, conversando sobre as possibilidades de leitura”.

Pois, a brincadeira de “faz-de-conta” como brincar de ser repórter, brincar de escolinha ou na procura do tesouro escondido, conforme Oliveira apud Vygotsky (1993), “numa situação imaginária, o brinquedo é uma atitude regida por regras. Mesmo no universo do “faz-de-conta” há regras que devem ser seguidas”. De modo que, na brincadeira da criança é natural que passe despercebida algumas coisas, mas as regras contribui para que a criança entenda o particular dos diversos papéis sociais que seus pais desempenham e aprenda a separar o objeto de seu significado.

A professora não interferiu na escolha do livro, deixou-os a vontade, houve crianças que pegaram as literaturas com cuidados e outros jogavam os livros de qualquer jeito, outros se interessaram pelas gravuras, e passaram a contar histórias a partir das imagens, esta atitude, deixou os estagiários admirados ao ouvirem e verem tamanha criatividade em inventar historinhas e até imitarem os personagens das historinhas.

De maneira que esse contato dos estagiários com as crianças de educação infantil e a experiência com a prática da leitura, despertou o cuidado com essa atitude à ser mediada quando se tornarem educadoras, pois teve-se a oportunidade também de ver as crianças criarem e recriarem histórias, uns com hábitos de se encantar com

as gravuras, outros de contatarem histórias de seu cotidiano e outra que ainda não sentem o prazer em abrir um livro e sonhar com um mundo encantado.

A mediação não está na intervenção do elo intermediário, que se caracteriza por ser temporário e externo, mas, sobretudo na capacidade de a criança construir novas relações nas interações sociais mediadas por esses elos. Isso significa pensar o conceito de mediação como processo, como transformação do modo de pensar da criança. Em nosso caso, esse processo abrange a ação argumentativa do professor, no sentido de esta permitir a emergência de um novo estado de desenvolvimento real na criança. (FREITAS, 2005, p. 29).

Para Freitas a capacidade que a mediação promove no desenvolvendo da crianças, levando a construção do novo saber, pois a professora cometeu um lapso, por não argumentar a importância da literatura antes de trazê-la, como diz o autor, o processo abrange a ação argumentativa, esse momento a criança transforma o modo de ver o livro, pois a mediação é muito importante para o aluno adquirir novos hábitos, de valorizar o objeto da leitura, de interagir com os colegas e ao observar as gravuras dar início a socialização com o livro e a descobrir como as palavras são formadas.

Impossibilitados da continuação do estágio presencial, devido a pandemia da corona vírus 19, em março de 2020 a Universidade do Estado do Amazonas encerrou suas atividades presencial devido o surto da doença, retornando-as por meio remoto no mês de agosto do mesmo ano. As aulas foram ministradas através da plataforma google meet. Conforme Nienov e Capp (2021) nos mostram que:

a pandemia tem reiterado o aspecto dinâmico, mutável e insuficiente do conhecimento atual e a necessidade de se repensar o saber escolar e, conseqüentemente, o currículo prescrito. Os professores devem exigir do Estado e chamarem para si a tarefa de rediscutir e redimensionar o currículo em função das intercorrências, prioridades e limites impostos pela alteração no contexto social, político e econômico que estamos vivendo, cujas conseqüências perdurarão por um longo período. Tais decisões são urgentes e necessárias para conferirmos maior sentido ao trabalho pedagógico, evitarmos a ampliação das desigualdades educacionais e nos prevenirmos de sujeições que aumentem a intensificação, precarização e degradação do trabalho docente, (NIENOV & CAPP 2021, 18).

Entretanto nas aulas remotas como o teórico mostra, haviam dificuldades, notou-se que vários alunos não conseguiam ligar seu Google meet, a internet falhava

e as gravações de algumas aulas sumiam, e os professores reclamavam da ausência de alguns alunos, mas as propostas eram feitas conforme o combinado, os diagnósticos, o plano de ação e a videoaula. Neste período a internet do Amazonas oscilavam constantemente, tendo pane e desligando logo cedo da manhã, deixando muitos alunos sem assistirem as aulas, mesmo sendo assíduos.

Logo nos primeiros meses do retorno das aulas on-line a universidade do Estado do Amazonas juntamente com os alunos de vários cursos principalmente de pedagogia interagiram para a realização social da entrega de tablet e chip com a recargas de internet para todos os alunos da classe baixa renda, apresentando assim o cuidado para que não houvesse desigualdade social entre os alunos que não podia pagar uma rede de internet para assistir as aulas pelo Google meet. E programações como; conferências, debates pedagógicos e apresentação de trabalhos científicos.

Como os autores descrevem o trabalho pedagógico tomou uma nova metodologia, diante da pandemia, as professoras do estágio trouxeram para a Tuma o que estava sendo oferecido nas redes educacionais do Estado e Município do Amazonas, o ensino remoto pela plataforma do YouTube e pela televisão no canal da cultura a programação; EBA! VAMOS BRINCAR! Então, desenvolveu-se a análises dos registros e um plano de ação e uma gravação de uma videoaula para a educação infantil, assim, a nova a realidade foi significativa para o Estágio I.

O ensino remoto prioriza a mediação pedagógica por meio de tecnologias e plataformas digitais disponíveis e abertas para apoiar processos de ensino e aprendizagem, assim como a introdução de práticas inovadoras. Portanto, não se trata de uma simples transposição de modelos educativos presenciais para espaços virtuais, pois requer adaptações de planejamentos didáticos, cronológicos e avaliativos, além do uso de estratégias, metodologias e recursos educacionais para apoiar os estudantes na construção da aprendizagem, (NIENOV & CAPP, 2021, p. 20).

Como mostram os autores do texto, o ensino remoto também é um mediador para os acadêmicos, principalmente porque só por meio de suas ferramentas foi possível a realização do Estágio II. Como estava ocorrendo aqui em Manaus um surto da Covid 19, o mais viável foi a continuação do estudo teórico do estágio fosse por via on-line pela plataforma google meet, mas a escola do estágio estava funcionando a

educação fundamental I, pelo método híbrido com os alunos da escola e os estagiários assistiam as aulas pela plataforma do WhatsApp.

Novas formas de transmitir o conhecimento e os conteúdos são ofertados nas diversas plataformas digitais online, na qual as aulas acontecem de forma remota através do modelo síncrono (em tempo real) ou assíncrono (não é em tempo real), pois há recursos que funcionam também como o modelo EAD, que é o da gravação e disponibilização da aula, caso o aluno, naquele momento, não possa assistir. Cabendo destacar, que o recurso de gravar e disponibilizar o material, não se refere a tornar o método similar ao EAD, e sim, o de tentar potencializar a ferramenta. Até porque, a visão deste recurso, é o de proporcionar não só o acesso dos alunos que não acompanharam a aula de forma remota, mas também destes alunos poderem revisar a explicação do professor (a), e esclarecer possíveis dúvidas, (BARBOSA, VIEGAS & BATISTA, 2020, P. 264).

No Estágio III, a experiência foi desenvolvida presencialmente no chão da escola, com os alunos e professores. Procurando desenvolver os temas específicos das pesquisas do (tcc) trabalho de conclusão de curso, cada aluno estagiário procurava sua dupla para juntos na escola desenvolverem uma determinada categoria de ensino voltado para realização do tema da pesquisa de campo e para o aproveitamento curricular da disciplina de estágio, cumprindo assim todos os pré-requisito já citados nos outros parágrafos acima.

A escola de campo da zona norte de Manaus, no turno matutino era voltado especificamente para o ensino da alfabetização, assim acrescentou a vivência com a aprendizagem da leitura. A qual foram observadas nas salas de aulas essa prática, e refletiu-se que ensinar uma criança a ler e escrever é uma tarefa que envolvem vários processos, que deve-se levar em conta os aspectos, sociais, culturais, psicológicos e familiares.

Continuando a observação na turma de 1º ano, encontrou-se o professor arrumando seu material, sobre a mesa, fez várias ligações e parecia perdido, sem saber por onde começar, foi então que pegou uma régua e começou a apontar para o alfabeto exposto na parede da sala em quadros com gravuras de objetos e animais de acordo com a letra inicial de seus nomes. Ele realizou a leitura e escrita do alfabeto decorado, que segundo Ferreiro & Teberosky, criticam esse método de ensino de memorização e diz que:

se um sujeito aprende a tabuada de memória sem compreender as operações que as formam, ao se esquecer “de quanto é”  $7 \times 8$ , por exemplo, somente poderá restituir o conhecimento esquecido dirigindo-se a alguém que o possua, pedindo-lhe que o restitua. Se, pelo contrário, compreender o mecanismo de produção desse conhecimento, poderá restituí-lo por si mesmo (e não de uma só maneira, mas sim de múltiplas maneiras), (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 34).

Conforme as autoras a memorização não possui um esquema adequado para o armazenamento da aprendizagem, pois a criança precisa compreender o mecanismo de produção do conhecimento, e para isso, destacam as precauções básicas da leitura e da escrita que não pode ser concebida como conquista de uma habilidade ou de acúmulo de informações, mas um processo cognitivo de construção real e inteligente, que resulta na conquista de um conhecimento que de maneira alguma, pode se dar através da transmissão do saber de um adulto.

Portanto a construção do conhecimento como a compreensão da língua escrita, não é o produto passivo de um método mecânico de ensino, que treina o aluno para decifrar um código, mas resultado da própria ação do aluno, de suas capacidades cognitivas, de sua compreensão linguística e de sua interação com o contexto da leitura. E com as percas sofridas com a falta de interação e mediação durante a pandemia na aprendizagem da leitura e escrita, pois:

E a ausência das aulas presenciais e das interações, entre alunos & alunos, causaram perdas significativas na aprendizagem afetiva e cognitiva dos alunos. A preocupação foi diagnosticada pelas professoras durante os meses de estudos presenciais e transmitida à gestão, devido a queda no coeficiente dos alunos e houve um acréscimo no número de crianças que não conseguiram aprender a ler no 1º ano, no período pandêmico. O que deixou no os professores inquietos com a situação, porque os alunos que foram acompanhados pelos pais, nas atividades escolares, conseguiram acompanhar e desenvolver o ensino e aprendizado, mas, os que não tiveram ajuda, não alcançaram o desempenho igualitário aos demais. Essa foi a informação dada por todos os professores da escola do estágio. (Caderno de Estágio 3, 2021).

A pandemia, além das perdas de tantas vidas, também trouxe outros problemas . como doenças psicológicas atingindo os professores da escola do estágio. Se de um lado o ensino remoto aproximou as distâncias e existiu como possibilidade de

continuidade dos processos escolares do outro, aclarou as desigualdade sociais e limitações das interações do ensino com as famílias sem recursos para a comprarem as recargas de internet para os celulares das crianças, que estudavam em séries distintas, com vários estudantes em uma casa.

Mesmo que o ambiente escola e sua contribuição para a alfabetização não seja motivadora e nem agradável e nem convidativo para manter as crianças na escola, nesse período. Sem uma quadra para educação física, sem laboratório de informática, sem uma biblioteca a disposição dos professores e alunos, que mesmo com a revitalização da mesma, por meio de um projeto acadêmico de uma estagiária, que uns meses depois voltou para terminar a pesquisa, e notou que a biblioteca voltou a ocupar o lugar de depósito.

A gestão fecha os olhos para essa realidade e não luta pela organização adequado do ambiente escolar. No entanto, há área suficiente no quintal da escola, para a construção de uma quadra e das demais salas que são necessárias ao ambiente propício para a educação, pois o direito de conviver pode ser exercido por meio de brincadeiras em grupo, como diz a BNCC, por meio de interações. Para tanto, é preciso respeitar o espaço e a fala da criança. Como o direito de brincar:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais, (BRASIL, 2018).

O documento mostra o quanto é necessário um ambiente propício para a realização das práticas educativas, como aprender brincando, que são essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem da criança e sua imaginação, suas experiências emocionais, logo um ambiente como o refeitório não é propício para a criança desenvolver os exercícios físicos corporais da educação física. É o que ocorre nesta escola, inibindo assim as partes sensoriais das crianças e a crescerem em seu cognitivo na aquisição do conhecimento serem restritas.

## CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA

### 2.1 O caminho metodológico percorrido na pesquisa

No decorrer da realização da pesquisa acadêmico adquire-se novos conhecimentos com as leituras e escritas feitas neste período, pois é partir do problema que inicia o processo. Conforme Gil (2019, p. 4) “com efeito, o que se propõe com a realização de uma pesquisa é proporcionar resposta aos problemas propostos mediante a utilização de procedimentos científicos”. Como diz o autor, que na procura de uma resposta ao problema da pesquisa, o pesquisador tem acesso a sugestões que poderão amenizar esse problema levantado na pesquisa.

O autor defini a pesquisa como, Gil (2019) “[...] o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo fornecer resposta aos problemas que são propostos”. De maneira que a pesquisa seja desenvolvida dentro da lógica e sua sequência conectada obedecendo a uma metodologia ou seja, que o acadêmico elabore sua pesquisa com ações pensadas.

### 2.2 A abordagem da pesquisa

A pesquisa desenvolvida neste trabalho é qualitativa e de natureza exploratória, através dela obtém-se uma investigação da realidade escolar, que segundo Zanette (2017), mostra que na década de 1990 “o movimento da história da pesquisa qualitativa no contexto da educação brasileira busca credibilidade e garantia, que gerou a necessidade de refletir sobre a produção do conhecimento”. O que era censurado passa a ser estudado e refletido, pelos pesquisadores do método qualitativo, como descreve o teórico:

[...] o uso do método qualitativo gerou diversas contribuições ao avanço do saber na dinâmica do processo educacional e na sua estrutura como um todo: reconfigurando a compreensão da aprendizagem, das relações internas e externas nas instâncias institucionais, da compreensão histórico-cultural das exigências de uma educação mais digna para todos de compreensão da importância da instituição escolar no processo de humanização (ZANETTE, 2017, p. 159).



Entretanto ao contrário da pesquisa quantitativa que silenciava o pesquisador de suas subjetividade, a pesquisa qualitativa possui a liberdade subjetiva do pesquisador e pode analisar as especificidades dos sujeitos histórico-cultural, saber a dinâmica do processo educacional e compreendendo as relações sociais interna e externa, exigindo nos seus relatos uma educação mais digna para todos de modo que valorize a instituição pública da educação e priorizando o ser humano e sua subjetividade.

Pois, conforme Deslandes (1994) “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificada”. Pois a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significações, de aspirações, de valores, de crenças e de atividades que são profundas na subjetividade humana e que não podem ser reduzida à operação de variáveis, mas das relações dos processos e das manifestações, que não necessitam de métodos para suas realizações.

### 2.3 Trabalho de Campo

Para reflexão sobre a elaboração do planejamento escolar das turmas dos primeiros anos aos terceiros de alfabetização e letramento, em cujo participou-se deste ato coletivo da educação. Nesta pesquisa de campo os professores foram bem cooperativos com as suas participações em mostrar seus documentos o plano de aula. Que conforme Gil o estudo de campo é um tipo de comunidade, neste caso escolar:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevista com informantes para captar suas explicações e interpretações que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente configurados com muitos outros, tais como a análise de documento, filmagens e fotografias, (GIL, 2002, p. 53)

Na reflexão sobre este tipo de estudo, o qual proporciona a investigação da relação entre a prática e a teoria, desenvolvendo assim a construção do conhecimento

diante da observação realizada de acordo com os objetivos estabelecido pela pesquisa. A qual foi realizada com os professores das turmas do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental I, no qual se caracteriza os anos de alfabetização e nesta escola municipal, no turno matutino o ensino é aplicado aos três anos iniciais.

Análise do projeto político pedagógico (PPP) e a execução do planejamento e a observação das práticas pedagógicas nas salas de aulas e manuseio do planejamento, a realização das entrevistas semiestruturadas aplicadas aos professores das salas de aulas. O quadro de funcionário foi acolher com a chegada da acadêmica pesquisadora, o gestor logo queria que a ajudasse na monitoria dos alunos especiais do 1º ano, mas logo descobriu que não se tratava disso, depois de assinar a lauda de licença da pesquisa.

A Escola Municipal Benjamin Matias, em Manaus, possui piso tátil, 16 salas de aula, 18 professores no turno matutino, 3 porteiro, 2 manipuladoras da cozinha da escola, 3 servidores em serviços gerais 2 feminino 1 masculino, 3 banheiros dois para os alunos e um para os funcionários. Uma secretaria com 1 secretário de portaria e uma auxiliar, 1 salas de aula é de recursos, de alunos especiais, reservadas 2, mas só funciona 1 uma. com o total de alunos matriculados no turno matutino de: 483 incluindo os alunos especiais, na escola também têm o projeto alfabetiza mais, com o nome de Airtton Sena. (Caderno do estágio 3, 2021)

A escola é de médio porte, possuindo áreas livres de ambos os lados, facilitando assim a construção de uma quadra esportiva e salas para laboratório de informática, que ambos faltam à esta. O quadro de funcionário, conforme o projeto político pedagógico, faltando-lhe a pedagoga do matutino, a biblioteca estava funcionando como depósito de material didático da escola, uma acadêmica do estagiária III realizou um projeto de revitalização da biblioteca, mas ao retornar a escola, descobriu que ela voltou a servir de depósito.

## 2.4 Os Instrumentos da Pesquisa

Os instrumentos de coletas de dados, foram aplicados em uma entrevista semiestruturada, também adaptada aos professores da escola. A qual foi realizada em de agosto a dezembro de 2021. E os demais instrumentos foram: a observação e

análise documental, que foi composta em sua totalidade por professoras do 1° ao 3° ano do ensino fundamental I.

#### 2.4.1 A Entrevista

Conforme Carvalho (2017) as entrevistas semiestruturadas preveem a eventual necessidade de aproveitar oportunidades, no momento da realização, para acrescentar questões sugeridas pelas respostas do/a entrevista/o. Portanto, na entrevista semiestruturada pode haver acréscimo de perguntas durante a entrevista, dependendo da aproximação do pesquisador com realidade do entrevistado, segundo Zanette:

[...], que utiliza metodologia mais próxima da realidade a ser pesquisada, deve ser aquele que propicia ao pesquisador “colocar-se no papel do outro”, ou seja, compreender a realidade pela visão dos pesquisados como forma de aproximação entre a vida e o que vai ser investigado. (ZANETTE, 2017, p. 153).

O autor mostra que a pesquisa precisa ser participativa e sem burocracia e que o pesquisador se colocando no lugar do entrevistado, pois o professor que está trabalhando hoje, já passou por esse momento de pesquisador e agora está no lugar do entrevistado, que conforme Zanette (2017) “[...], enquanto sujeito da fala, ele ouve o que diz. Ao falar para alguém, escuta-se o que é dito. Esse dispositivo proporciona com que os sons das palavras façam eco para o próprio sujeito que fala para o outro que ouve”.

Essa aproximação do sujeito entrevistado e o pesquisador, desperta no primeiro, a importância que têm suas informações para melhorar a educação sobre determinado fato e na maioria das vezes desperta o desempenho do educador e a motivação em suas aulas, pois vêm a tona o que tinha esquecido no início de sua carreira, mas com as perguntas da entrevista é capaz de proporcionar uma educação melhor. Foi usado para a entrevista o instrumento do gravador e transcrito em casa o conteúdo gravado, que durou, cada entrevista de 25 a 30 minutos foi feita.

Ao entrevistar foi realizada de maneira descontraída, com 4 professoras na terça feira, suas turmas estavam sobrem a responsabilidade dos professores de educação física, antes da merenda dos alunos e duas após. E na sexta 2 turmas, total de uma semana foi realizada as entrevistas, com perguntas relacionadas ao planejamento da alfabetização e letramento, nas 3 séries do ensino fundamental I. Foram selecionadas 2 professores do primeiro ano, 2 professoras do segundo ano, 2 professoras do terceiro ano.

#### 2.4.2 Observação participativa

Na observação participativa o pesquisador ficar frente a frente com o educadora titular da sala de aula ter a oportunidade de vê a prática pedagógica e comparar com os teóricos da alfabetização em estudo, De acordo com Deslandes (2002) “O observado, enquanto parte do contexto de observação esta estabelece uma relação face a face com os observados”.

Nesta hora, de frente com a turma que percebe-se a dificuldades das professoras em aplicarem a prática pedagógica descritos no planejamento referentes a leitura e escrita durante as aulas, são também devido a falta de monitores para auxiliarem nas atividades educativas do aluno especial. Que em vez de está trabalhando conteúdo com sua turma a educadora, procura cuidar de dois ou três alunos que não param na sala de aula, por não ser suprida essa necessidade nesta escola. Mas essa lei já foi legitimada pelas diretrizes educacionais.

Logo reconhece-se a relevância da observação da pesquisa, os obstáculos das professoras com alunos especiais autista e outras necessidades especiais e sem ajuda pedagógica de uma profissional desta área, anão conseguiram aplicar o conteúdo do planejamento e outros por estarem cansados por trabalharem os três horários, não tem tempo de desenvolverem uma prática pedagógica criativa para sua classe.

## 2.4 3 Análise dos Documentos

Os documentos que foram analisados na pesquisa foram os planejamentos dos professores e o projeto político pedagógico da escola (PPP), como uma das bases da construção da pesquisa, conforme Gil (2002) “A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornando-se mais importante fontes de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica”. O Projeto Político Pedagógico, não foi fácil para ser-nos apresentado pelo gestor.

Pois o mesmo não sabia onde encontrá-lo, por ter assumido a gestão da escola há poucos dias e ainda estava se organizando, mas, depois de encontrá-lo foi possível a realização da análise do documento, as quais foram fotografadas as páginas, selecionou-se as que continham a proposta da participação de todos na elaboração do documento da escola o (PPP) e o destaque da Lei nº 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nele contido, que diz:

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e As do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I – elaborar e executar sua proposta pedagógica;

IV – velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino

V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do Projeto Pedagógico da escola; (BRASIL, 1996).

Portanto a lei mostra as propostas como devem proceder o ensino pública e defini as normas da gestão, mas, o quadro funcional da gestão estava faltando uma peça na engrenagem do ensino desta escola que é a pedagoga, que pode dar assistência aos professores para a realização do planejamento escolar. Pois a mesma

que dá assistência técnica aos professores, logo sem ela, os professores ficam sem resposta aos seus questionamentos. Mas, para amenizar tal situação, os professores tinham que aguardar a pedagoga do turno vespertino para auxiliá-los.

E no documento da escola, consta o registro sobre a alfabetização, no qual são descritos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que tem início ao descrever a Língua Portuguesa; que esclarece a função básica do sujeito que ingressam no mundo letrado e assim cresçam capazes de fazerem parte do processo de cidadania de maneira autônoma, por meios de práticas pedagógicas planejadas e que domine a leitura e escrita, cálculo matemático e ensino ambiental por meios de interações sociais.

Logo percebeu-se que dos 6 professores entrevistados e observados durante as aulas a maioria não abre o notebook para olhar o conteúdo planejado para aquele dia, que se encontra no formato de planilha no Excel. Pois o planejamento registra os conteúdos para serem trabalhados durante 3 meses, ao observar os professores fazendo esse documento e esperou-se onde colocariam a estratégia e o desenvolvimento metodológico, a sequência Didática, a motivação e as brincadeiras lúdicas que tanto as crianças gostam. Acabaram e não colocaram no planejamento.

Ao realizar a observação nas salas de aula, foi encontradas duas professoras que usavam o caderno de planos de aulas semanais, pois das vinte horas semanais duas horas a escola oferece para os professores elaborarem os planos semanais. Mas, só as duas usam o caderno de registros de brincadeiras, jogos e estratégias com sequência didática para a realização de leituras, escritas e de outras disciplinas. Os demais profissionais só davam aula acompanhando o livro didático, de maneira que o planejamento não é lembrado em suas aulas.

## 2.5 A Análise de Dados

As análises dos dados foram divididas em 2 eixos, para alcançar os objetivos propostos na pesquisa, como:

- Discurso dos docentes sobre o planejamento na alfabetização
- Interações e prática alfabetizadora

### 2.5. 1 Discurso dos docentes sobre planejamento na alfabetização

O planejamento é um documento essencial para o exercício da docência e de suas ações aplicadas em sala de aula, efetuando estratégias para obtenção dos objetivos planejados, logo é uma ferramenta indispensável no cotidiano do educador, sua relevância é essencial para a ministração de uma boa aula e desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, principalmente nos anos iniciais. E conforme Luck (2009), o planejamento é um instrumento de que:

O plano de aula é um instrumento de trabalho que organiza o tempo e as atividades a serem promovidas com os alunos, de modo a que desenvolvam os as habilidades e atitudes propostas para esse segmento educativo. Ele deve ser elaborado tendo em mente o aluno: como o aluno vai receber os estímulos e orientações preparados? Como articular o conhecimento produzido com as experiências e conhecimentos do aluno? Que situações interessantes podem levar o aluno, mais facilmente, a envolver-se na aprendizagem dos novos conhecimentos pretendidos? Que processos mentais serão exercitados pelo aluno para tal fim? (LUCK, 2009, p. 40)

As perguntas feitas aos seis professores selecionados e identificados, conforme a apresentação de suas respostas. Será também mantido o sigilo em relação aos professores que participaram da entrevista como: professor do 1° a e 1° b; professor do 2° a e 2° b; professor do 3° a e 3° b, considerado o posicionamento teórico e as informações obtidas através do instrumento para os dados coletados, inicialmente, foi perguntado:

Questão 1. Como o professor define os planejamentos realizados na escola?

O planejamento é importante para o professor ver a sequência dos conteúdos trabalhados na aula e não se perder, mas, tudo isso é seguido no livro didático, pois é mais fácil (professores do 1° “A” e 3° “B”).

O planejamento na rede municipal tem com uma característica rígida, por ser uma exigência ou cópia da secretaria, e o pior é não ter uma pedagoga para nos orientar nesta prática, o professor só vem pra escola cumprir seu horário, para não pegar falta e o pior é quando não seguimos na risca as metas do plano da secretaria, somos chamados a refazer o planejamento. Portanto não temos motivação nenhuma, para fazermos esse registro (professores da 2° B e 3° A).

De acordo com as respostas, os “quatro” professores acham que o planejamento, da maneira que vem ocorrendo, perde a importância, o livro didático tomou seu lugar de ferramenta principal do educador no ensino e no segundo grupo mostraram a maneira que vem sendo aplicado o planejamento e corrigido, de modo burocrático, logo, os assessores da GIDE avaliavam, se os professores estão de acordo com a meta da - Divisão Distrital Zonal (DDZ), zona norte de Manaus.

É notório o medo dos docentes, em se distanciarem da meta imposta pela secretaria e ela encontrar alguma divergência em seu plano, e o assessor do Distrito da zona da escola, chamar sua atenção, acendendo o alerta vermelho, mostrando que aquele professor colocou alguma coisa diferente da regra estabelecida pela secretaria. Mas, as duas docentes que não aprovam a maneira como o planejamento está sendo avaliado pelos assessores municipais, dizem que é um planejamento lacônico e burocrático, sem opções para o professor que pesquisa e inova seu planejamento.

O planejamento não deve ser visto como peça burocrática prevista para encher pastas e gavetas da instituição na ilusão de um trabalho realizado. Deve, antes, ser o espelho real do processo e produto organicamente construído para ser executado ao longo de um período de trabalho em compasso com o que veio anteriormente e o que virá depois. (OLIVEIRA, 2009, p.66).

O autor esclarece que o planejamento não deve ser pensado como uma obrigação e depois de feito, esquecido na gaveta, mas, ao contrário, deve ser compreendido como um recurso importante para os professores usarem e seguirem durante a realização de suas aulas, quem não usa o planejamento, não tem objetivo, nem meta para cumprir no seu trabalho escolar.

A professora do 1º ano “B”, também realizou uma investigação e traçou caminhos: Ao identificar em qual etapa do processo da leitura os alunos se encontravam e quais os conhecimentos que eles já traziam para a escola, com isso demonstrou-se em condições de planejar estratégias de leitura e escrita, conforme Magda Soares (2020) explica que: “O diagnóstico de níveis de escrita revelou que havia diversidade nas crianças: que havia um grupo pequeno no nível silábico sem valor sonoro, outro no grupo silábico com valor sonoro, várias crianças no nível silábico alfabético”.



Este é um planejamento que avalia e dá visão das condições de conhecimento da turma e como a professora deve planejar as atividades dos alunos para os próximos bimestres. Em uma sala do 1º ano a, para o aprendizado da leitura foi feito com um caça palavras no celular, o quê antes era proibido a entrada do aluno na escola com este aparelho, agora com as novas experiências metodológicas digitais, a escola do período pós pandêmico adaptou essas ferramentas tecnológicas às atividades pedagógicas de sala de aula.

Em outra sala de aula, a professora realizou um ditado com fichas de jogos didáticos, fornecidos pela Secretaria de Educação Municipal de Manaus, (SEMED), para o trabalho com a educação de alfabetização. Percebeu-se que, apesar de fazer uso de um jogo, o processo de alfabetização se caracterizou ainda pela silabação, sem antes manusear a leitura de textos e de recursos da prática pedagógica de exploração cognitiva interpretativa com interação que leva à habilidade da leitura e escrita.

Em um processo difícil, pois a maioria das crianças, ainda não conheciam todas as letras do alfabeto, por isso não gostaram da brincadeira, e os que sabiam procuravam formar as palavras rapidamente para mostrar que tinham conhecimento das sílabas, neste momento, observou-se que o jogo tivesse sido proposto “inconscientemente” numa perspectiva competitiva e não de aprendizagem.

Antes do término da atividade de formação de palavras a professora mudou o conteúdo bruscamente para a disciplina de história, sem fazer uma interdisciplinaridade dos conteúdos trabalhados. Que conforme Japiassú (1976, p. 82) “considera como um movimento realizado no interior das disciplinas por meio da prática pedagógica e, entre elas, visando integração”. É a maneira natural do ensino e aprendizagem que ocorra uma melhor compreensão do conteúdo e para que haja uma interação entre as disciplinas, o autor diz mais, que é um processo integrador.

Logo os alunos reagiram com uma exclamação de aborrecimento “de novo”! por esperarem o ensino da leitura que não ocorreu, devido ter sido adiada para outra aula, aconteceu neste instante o esperado o “desânimo” aos conteúdos da disciplina de língua portuguesa e os alunos desmotivados não prestaram mais atenção na aula e começaram a conversar e brincar com os coleguinhas e a professora sem conseguir

chamar a atenção dos alunos começou a gritar, alguns voltaram sua atenção à ela e outros continuaram brincando.

2° questão: Se os professores consideram o planejamento da secretaria com abrangência no contexto social dos seus alunos?

De acordo com a maioria dos docentes entrevistados o planejamento atende as necessidades dos alunos e sua realidade, concordam com tudo que é determinado pela secretaria e Distrito, mas duas docentes procuram desenvolver um trabalho voltado para a realidade social de sua turma. Na construção dos conhecimentos o ensino é ministrado de forma gradativa adequando-se a cada estágio do desenvolvimento da criança, elas procuram oportunizar situações de aprendizagem em que os alunos participem ativamente desse processo.

3° questão: Qual é o conceito das professoras sobre alfabetização?

A maioria dos professores acreditam que a alfabetização é a aquisição do conhecimento em que o professor procura sempre renovar suas práticas pedagógicas, para ter o ensino de alfabetização de qualidade. Pois a alfabetização, como etapa inicial da escolarização, é entendida como o processo pelo qual a linguagem adquire significados, constituindo-se em um meio para a criança ampliar o seu universo de conhecimento. E outros mostram que as didáticas e as práticas pedagógicas são necessárias para a aprendizagem da alfabetização.

Um trabalho sistemático com o conhecimento linguísticos da alfabetiza precisa estar associado à criação de oportunidades para o aluno interagir dentro da sala de aula e de participar de situações de leitura e escrita que se assemelhem àquelas que vivenciamos em qualquer lugar onde a língua escrita é objetivo de uso cotidiano. Para isso ocorra, o planejamento da alfabetização deve oferecer aos alunos oportunidades de acesso a todo tipo de material escrito, aprende-se a ler e escrever, ou seja vivenciando situações significativas de uso de leitura e da escrita (SILVA, 2006, p. 34).

Logo a alfabetização é o meio que contribui para que os alunos entendam o ensino da ciência e da tecnologia como elementos integrantes do seu mundo e serem capazes de manuseá-los com ajuda do educador e que entendam o seu meio social. Portanto é um processo de construção a ser desenvolvida nos três anos da Educação Fundamental I, por meio de textos e contextos diversos, sendo essencial a partir de um planejamento sistemático desde a entrada da criança no ambiente escolar e sua permanência.

4° questão: Qual o seu conceito sobre letramento?

Nesta questão algumas docentes tem conceitos empíricos em relação ao letramento, mas outras mostram que o letramento vai além de apenas ler textos e interpretá-los, mas de compreender e entender a linguagem como prática social, e que se inicia antes da criança aprender a ler as palavras, de acordo com Soares (2010) “uma última influência que se pode tirar do conceito de Letramento é que o indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma letrados”. O conceito de Letramento desses professores:

O letramento é a ação de aprender a ler e escrever, pois é a condição que o aluno adquire da leitura, ele faz uso competente do processo de alfabetização (professor dos 1° a e 2° anos b). Entende-se como letramento o indivíduo capaz de interpretar o contexto do cotidiano de forma social e simbólico (professores dos 3° A e 2° ano A)

Os professores que entendem o conceito de letramento, segundo os autores apresentados neste trabalho, procuram desenvolver a prática de leitura do seu aluno relacionando com seu cotidiano e dos fatos sociais, sejam eles; políticos, econômico, culturais e de outros gêneros, que apesar de não serem alfabetizados são capazes de realizar outras leituras e interpretações de textos orais. Outros professores que descreveram o letramento que somente são capazes dessas habilidades os alunos que já leem e escrevem ou são alfabetizados, desconhecendo os conceitos teóricos.

5º questão:. O que você faz, quando a minoria de seus alunos não acompanha o desenvolvimento da sala?

O comentário do professor da turma do 3º ano “B”, que tem um aluno que falta bastante e se atrasa na aprendizagem, um dia ele contou para o professor que toma conta de sua irmã de 2 anos, quando a sua mãe vai trabalhar de diarista, então o professor ligou para a sua mãe e disse que no dia que ele faltasse, ele enviaria as atividades da aula, via WhatsApp e que a mãe acompanhasse o aluno nas atividades, com essa ação ele melhorou e acompanhou o desenvolvimento da turma.

Na prática pedagógica as respostas de alguns professores mostram-se tradicionais e que não tem compromisso sério com a educação. Mas, outros demonstraram que nas interações, a participação em equipe funciona, como também a oralidade transmitida pelo professor e a interação do aluno que ao participar com sua subjetividade, contribui melhorando assim o desenvolvendo da aprendizagem da classe.

No segundo ano “A”, a professora também relatou suas experiências com alguns dos seus alunos, que estavam com dificuldades na leitura e escrita, que com o diagnóstico que realizou no retorno das aulas presenciais, ela pôde traçar metas para o desenvolvimento da aprendizagem da turma toda que estava com dificuldades, sua meta foi iniciada com o exercício de boas leituras orais, com a exposição participativa dos alunos na leitura, esse é um dos passos, também buscou literaturas do primeiro ano em vários gêneros, para percorrer esta etapa da aprendizagem dessas crianças.

A professora relatou que apesar de estar vivendo uma experiência sofrida, por causa da pandemia, mas quando começou a ver os seus alunos lendo é escrevendo umas palavrinhas, sabia que era apenas o início de um trabalho que teria que procurar pesquisar mais e “Motivar e a despertar o interesse” (Neves 2000). Assim a professora despertará o interesse dos alunos e motivará a aprendizagem deles.

### 2.5.2 Interações e Prática Alfabetizadora

Nesta prática procurou-se saber como se dava a interação desta na alfabetização e letramento, e se esses conceitos são colocados nos planejamentos, pelos professores da escola, a primeira prática pedagógica que observou-se foi com a participação da professora do 2º ano “B”, que realizou um exercício de leitura e de escrita em uma didática voltada para a vivência da turma.

A prática que foi realizada pela professora a qual fez uma leitura oral sobre animais domésticos estranhos, que na televisão havia sido mostrado no fantástico. Que pediu aos seus alunos que contassem historinhas semelhantes criadas ou de suas experiências com os animais de estimação. Logo no início dessa atividade, os alunos começaram um pouco tímidos, contaram que gostavam de brincar com seus cachorrinhos e gatos, mas esses animais gostam de fugir e somem e nunca mais aparecem.

As narrativas e escritas foram muito importantes para a intenção da turma contribuíram muito para o desenvolvimento de novas criações de historinhas e melhorando o desempenho da escrita da turma. Sobre esta prática pedagógica no processo alfabetizador, conforme Freire (1996), a produção do conhecimento é feita a partir, do momento em que o professor cria possibilidades para que os alunos adquiram o conhecimento através das reflexões e análises dos textos e indagações feitas pelos alunos ao professor e a partir das interações o conhecimento é conquistado por cada aluno.

Freire (1996) “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento”. Pois em sua prática pedagógica o autor diz que o professor deve se planejar e ensinar com respeito, dignidade e autonomia, dando oportunidade para o educando participar também da aula, sem que haja dúvidas em relação ao conhecimento do processo de ensino e aprendizagem, para tal, a prática pedagógica deve ser compreendida pelo aluno.

As experiências vivenciadas na sala de aula através das interações das professoras e participação dos alunos em trabalhos que exigem a leitura, após a sondagem da leitura a educadora descobriu que em sua sala de aula tinham algumas

desigualdades nos níveis de leitura e escrita e que haviam na turma 5 alunos que não conheciam todas as letras do alfabeto, outros estavam no nível silábico e os demais alunos já sabiam ler textos adequados para o 3º ano.

Sem o planejamento e suas interações nas duas salas de aula de primeiro ano que selecionei para realizar a observação, ambas não havia motivação para o ensino, compreendi que os professores não usavam os diferentes procedimentos didáticos e estratégias para compreensão do ensino e aprendizagem dos alunos que eram inquietos por falta da didática na aplicação dos conteúdos ministrados pelos professores alfabetizadores, que conforme Guimarães (2001) diz o porquê da turma ter esse comportamento:

[...] compreendem o espaço da sala de aula como: ambiente socialização e que, a prática pedagógica, da professora ali desempenhada são vistas como elementos informativos e relevantes para o comportamento do aluno o envolvimento, as estratégias de pensamento e o grau de esforço pelos alunos. (GUIMARÃES, 2001, p. 58).

Logo é necessário que a professor tenha as atividades planejadas para que a improvisação não ocorra nas aulas, mas eram notórias essa prática por certos professores, pois se uma matéria não dava certo, logo passava para a outra. O exemplo ocorreu com a professora do 1º ano que pediu para os alunos que desenhassem o que quisessem, sem uma orientação prévia, da leitura de um texto, sem as práticas pedagógicas de interação com a leitura e interpretação, pediu um resultado sem ter uma finalidade de um conteúdo planejado e uma análise do que o aluno compreendeu.

Na outra sala do primeiro ano, o professor improvisou uma bola de papel ofício, e começou a ensinar lateralidade dizendo que o aluno que estava na frente jogasse a bola para trás, o outro para a direita e depois o outro para a esquerda até aí parece normal, o professor não organizou a sala em círculo e passou quase a manhã toda nestas atividades, sem enfatizar os termos de lateralidade para os alunos assimilarem esse conteúdo, entretanto eles começaram a reclamar que estavam cansados, já não estavam conseguindo realizar os comandos de lateralidade passado pelo professor.

Mas conforme o relato do professor que precisava trabalhar os três turnos no dia em bairros diferentes, pois é uma atividade muito cansativa para um profissional

que trabalha com a educação de crianças, que usa o intelecto sessenta horas por semana, torna-se um trabalho muito enfadonho para esse profissional e insuficiente para o aluno, o qual não tem culpa do sistema educacional não valorizar o profissional da Educação Fundamental, que acaba sendo penalizado pela péssima remuneração do professor brasileiro.

Assim nas aulas de dois professores do segundo anos, na primeira sala o professor foi bem tradicional, sua fisionomia na sala de aula com os alunos é fechada e séria, mas na sala dos professores é alegre e até brincalhão. Nesta aula, os alunos leram um texto do livro didático, que na aula anterior ele tinha marcado para lerem em casa, os alunos que não sabiam ler, ele dizia que eram preguiçosos e que ele procurava ensinar bem em suas aulas todas as atividades do livro didático. Após essa atividade abriu o livro e pediu que fizessem a atividade da página combinada e realizassem individualmente, ele explicava uma vez só e não gostava de repetir para os alunos desatentos à aula.

Em todas as salas têm dois ou mais alunos especiais e não tem auxiliares para esses alunos, e nesta sala tem um, que é filho da auxiliar do secretário da escola, ele tem muito medo desse professor que quando ele se levanta o professor manda senta-se ou leva-o logo para a professora que lhe ensinou em 2019, na sala dela a criança se sente mais à vontade para foliar e observar as gravuras dos livros e formular histórias e assim a assimilação e acomodação ocorrem com ele, conforme Soares:

[...] um conjunto de procedimentos articulados que, por sua diversidade e especificidade constituem o que denominamos Alfalettar e que permite a/o alfabetizadora, a trabalhar com método capaz de atuar de forma integrada: ao mesmo tempo que a criança vai aprendendo o sistema de representação fonema-grafema, vai também aprendendo a compreender e a interpretar textos, de início lidos por ela mesma, e a produzir textos de diferentes gêneros, ditados para a/o professora/or que atua como escriba, logo escrita por ela mesma (SOARES,2020, p. 289).

Conforme Soares, o ensino da leitura é realizada por um conjunto de procedimentos articulados, o professor lê para a criança que ao ouvi-lo sente-se motivada a aprender a ler e interagir com as perguntas feitas pelo professor. Assim ao articular com o texto a criança vai formulando suas hipóteses e desenvolvendo a leitura e escrita na construção de palavras. Como diz Guimarães (2001, p. 78), “o que

ocorre normalmente é uma combinação de fatores, resultando num sistema de interações multideterminadas”. O que não acontece em todas salas de aula dessa escola.

Outra docente trabalhou com sua turma do 2º ano com a apresentação de história de como surgiram as operações matemáticas, com isso, as interações das crianças com perguntas e práticas pedagógicas de explicações mostrou como era feito antigamente e hoje, depois fez a articulação com o estudo da água, aproveitando o rio da história das operações matemáticas dos egípcios, mostrando a importância da água para os seres vivos como; plantas, animais e o homem, mostrando assim, pois é possível ter uma postura determinante na mediação motivadora aos alunos.

Conforme Guimarães (2001) “A motivação não é resultado de treino ou de instrução, ela pode ser objeto de socialização através de estratégias de ensino”. A contação de história, de como se originou a matemática, a linguagem e outras disciplinas são importantes porque aumenta a curiosidade do aluno em pesquisar esse assunto, segundo Silva (2006, et Al.) “Educar é intervir na capacidade de ser e de agir das pessoas. Para isso, são providas as mediações culturais, isto é, as ferramentas simbólicas e materiais, mediante um processo de comunicação”.

Essa ferramenta pode ser um quadro histórico de um museu, uma poesia ou um desenho que a criança fez, representando os elementos da historinha que ela ouviu. O autor explica que educar é ensinar por meio das relações intrínsecas entre professor, aluno e conteúdo, possibilitando um ensino dentro do contexto real do aluno ou condições concretas de forma que lhe mostre as ferramentas para que ocorra o desenvolvimento cognitivo.

O registro do planejamento é uma prática de interação e organização, conforme Silva (2006) “a estratégia para a tomada de consciência por parte do/a professor/a de sua ação pedagógica requer uma sistematização do processo avaliativo” Nesta direção, o registro do planejamento torna-se parte fundamental do processo e colabora para a compreensão dos contornos que vão sendo delineados no ensino e aprendizagem.

Oliveira (2009) “Mostra também que a avaliação do registro do planejamento é fundamental para o processo do ensino e colabora na prática pedagógica que influencia na ação avaliativa”. Notou-se que nos planejamentos da escola, no espaço do quadro dos pilares da alfabetização todos estavam em branco, ao serem



interrogados o motivo de não preencherem este espaço, os educadores responderam que não receberam orientações pedagógicas para a realização deste quesito.

Explicaram também o porquê de não incluírem o elemento interdisciplinar no planejamento, por não receberem instruções pedagógicas sobre o assunto e poucos professores realizam essas articulações em suas aulas, os que trabalham com esse elemento, usam no planejamento feito em seus cadernos de registros, conforme Neves que a metodologia do planejamento refere-se ao processo de conhecimento que deve ser realizada para apropriar-se criticamente da realidade e transformá-la. Diz que:

[...], A questão metodológica principalmente está em como conseguir uma articulação de conjunto entre os objetivos que nos colocamos e a situação da qual partimos, num processo passando pelas diferentes mediações necessárias para implementá-la, (VASCONCELOS, apud NEVES, 2000, p. 30)

Nesta referência os autores informam que o planejamento garante um trabalho criterioso, evitando a rotina, a improvisação, as respostas não estudadas na ideia de um saber totalizante, mas garantindo os objetivos previamente pensados, e visa repensar os assuntos cognitivos e práticas a serem executadas de modo que o conhecimento seja ensinado com todos os critérios metodológicos e compreendido pelo aluno.

O conhecimento prévio em alguns planejamentos das séries em pesquisa, não foi encontrado este elemento do conjunto que forma o plano, mostrando assim que no ensino, os professores não descreveram situações, perguntas e outros meios para adquirirem a consecução de raciocínios pertinentes ao assunto anteriormente ensinado nas aulas de alfabetização.

Porém há professores que só ministram as aulas com base nos livros didáticos, pois neles são encontrados, segundo a maioria dos professores todos os conteúdos da grade curricular das disciplinas. São poucos professores que fazem diferentes em suas aulas, são mais flexíveis, trazendo variedades de textos e trabalhando o lúdico a partir dos textos, pois conhecendo as características dos gêneros textuais a criança assimila melhor o conhecimento e o professor obtém resultados satisfatórios na aprendizagem de suas turmas, os autores do pró-letramento mostram essa situação:

[...] verifica-se que os livros didáticos considerados de melhor qualidade chegam a ser escolhidos por grupos de escolas, mas, após o primeiro ano de uso, parte significativa dos profissionais decide substituí-los por outros organizados com propostas de alfabetização ou didática da língua mais tradicionais. Dito de outra forma, mesmo em contextos escolares de mudanças pedagógicas, continua predominando o retorno às práticas que fazem parte da tradição escolar, (MORAIS, ET AL. 2008, p. 31).

Assim como foi mostrado pelos autores, que os professoras/os acomodam se com a prática tradicional, pois, o “novo” gera medo de não alcançarem o desempenho desejado ou por estarem ocupados em outras cadeiras e sem tempo para aprenderem novas maneiras de ensinar, pois, o custo de vida econômico é muito alto e são levados a assumirem outras turmas, com isso não conseguem olhar as estatísticas dos resultados da educação brasileira ou deixam quietos, por não poderem resolver esses problemas nacionais.

Logo o planejamento do ensino, conforme Neves (2000) é “a reorganização da matéria de ensino prevista no programa oficial” pois a partir desta reorganização é que o docente determina quais objetivos de ensino deverão ser alcançados, é neste ato que o professor repensa os assuntos cognitivos e práticas a serem realizados, de maneira que o docente se preocupe em planejar os recursos que serão usados para a motivação do seu aluno e o desenvolvimento de suas habilidades.

Nas observações feitas nas duas turmas do terceiro ano, durante as aulas a professora falou-me que em sua turma havia uns alunos que não sabiam ler, e justificou-se dizendo que aqueles alunos haviam estudado naquela escola desde o primeiro ano, e chegou ao 3º ano sem conhecer todas as letras do alfabeto, seriamente! Não sei o que fazem essas professoras do primeiro ano, que não ensinam essas crianças a ler. Na entrevista à BBC News Brasil, Guimarães diz que aumentou a carência na aprendizagem a leitura:

A preocupação das professoras se deve ao fato de que, em condições normais, no 3º ano, as crianças já costumam estar na fase final do aprendizado básico de leitura e escrita. ‘Todos os alunos teriam que estar lendo, e não é a realidade. Percebemos que há uma carência nesse retorno às aulas e que a alfabetização foi muito afetada pela pandemia’, diz (GUIMARÃES, 2021, à BBC News Brasil).

Segundo Guimarães as crianças neste período de alfabetização, sentem dificuldades na aprendizagem pelo modo remoto, pois o comentário da professora do

3º ano da escola em pesquisa confirma essa realidade, que a maioria dos alunos que estudaram o 2º ano com ela, não conseguiram aprender os conteúdos transmitidos via remota no período pandêmico, por também, não trabalhar com o único recurso a ser realizado na alfabetização e letramento conforme a teoria de Magda Soares (2020) que mostra metas a seguir para a alfabetização e letramento, como:

[...] e consideremos fim a criança leitora e produtora de textos. Para, porém atingir esse fim, é necessário definir de que habilidades e conhecimentos a criança deve apropriar-se para que torne a alfabetizada, leitora é produtora de textos? As metas é que indicam os caminhos que devem ser trilhados para alcançá-las, (SOARES, 2020, p. 291)

Soares, define que o fim da alfabetização é a leitura e escrita e se a educadora deseja atingir seu objetivo de ver seus alunos lendo e produzindo textos, ela deve desenvolver uma meta que indique os trabalhos a serem realizados, para alcançar seus objetivos, ou seja, ver seus alunos lendo e escrevendo. Os professores contaram que nos anos pandêmicos de 2020 e 2021, eles sofreram muito, com vários parentes hospitalizado e outros o desespero pela morte dos pais, tão queridos e que o vírus da Covid 19, não poupou.

Mas os professores também adoeceram de depressão, passaram por terapias para se recuperarem. Mas com todas as dificuldades enfrentadas e todo sofrimento assim mesmo não deixaram os seus alunos sem aula, pois antes de gravar suas aulas on-line elas/eles faziam uma maquiagem para não demonstrarem que estavam passando por problemas graves de saúde e enviavam as aulas gravadas sem rastro de desespero que enfrentavam, chegavam aos lares dos alunos umas aulas ministradas por um profissional sem problemas, mas eles também não estavam com saúde para recebê-las.

Logo, compreende-se que o ambiente escolar mesmo não sendo do sonho da criança, ainda assim, possui contribuições valorosas no processo de ensino, como as intenções entre as crianças, professores e funcionários da educação, formando uma comunidade escolar que gera interesses e motivações para o ingresso da criança neste. Por fim a escola precisa planejar um ambiente propício para seu alvo maior que é o aluno, assim também o professor que se dedica ao ensino, desenvolva o seu planejamento para que sua aula não seja motivo de desânimo e desistência escolar.

## CONCLUSÃO

O planejamento na Alfabetização é indispensável para o professor realizar metas a serem alcançadas em suas aulas, ao realizar o planejamento o educador valoriza os elementos que contribuirão para o desenvolvimento dos seus alunos, como a organização e sistematização de seu trabalho, favorecendo sua prática pedagógica do cotidiano na sala de aula.

Neste trabalho procurou-se responder o objetivo geral, em compreender as relações construídas entre o planejamento na Alfabetização e como os professores compreendem essa prática pedagógica, presentes nos planos, quais são seus discursos e como é executado esse planejamento em sala de aula, refletindo as perspectivas e possibilidades desenvolvidas pelo educador, no ensino da Alfabetização e letramento em sua visão e procurando o olhar dos teóricos desses conceitos.

A metodologia que foi utilizada na pesquisa de campo foi de caráter qualitativo com observação participativa em sala de aula, dos três anos iniciais do Ensino Fundamental, a análise documental dos planos de aula dos professores os quais pode-se presenciar sua execução, como também foi feita a análise do Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP) e a entrevista semiestruturada com a participação dos professores dos anos iniciais.

Na observação participativa constatou-se que na prática docente de alguns deles esqueceram-se de abrir o notebook para acompanhar o planejamento, de maneira que, se perderam nos conteúdos e atividades, deixando de ensinar adequadamente de acordo com a realidade vivida pelos alunos e seguiram o livro didático sem ajuda da ferramenta principal que é o plano e por fim, de obterem resultados satisfatório em suas aulas. Mas, os professores que utilizaram suas ferramentas de trabalho seus alunos mostraram-se motivados com suas aulas.

A relevância do planejamento como principal ferramenta de trabalho no meio educativo para que haja uma boa administração da gestão e dos professores, que todos entendam que o sujeito principal da escola é o aluno e não os funcionários. Para que as ministrações das aulas sejam organizadas é necessário o planejamento, sistemático e adequado com a realidade do aluno, com recursos disponíveis ao desenvolvimento dele e que o professor crie situações propícias ao ensino.

A reflexão obtida neste estudo sobre os dois conceitos de Alfabetização e Letramento, foram que ambos os processos são importantes e imprescindíveis para a vida dos educandos, analisando que um indivíduo alfabetizado e letrado participa diretamente das práticas sociais no meio em que vive e as características principais de como ambos se diferenciam porém ao mesmo tempo se relacionam, sendo as parte fundamental no período de alfabetização.

Sem esquecer-se que a prática pedagógica segundo as autoras; Soares e Ferreiro e Teberosky e os demais autores desses tema, destacam que o princípios do ensino é a interação do professor com a turma, tanto na contação de história, interpretação e desenvolvimento de atividades, tudo isso conta muito para o letramento, tendo em vista, que é a mediação do docente que garante êxito no processo de ensino-aprendizagem enfatizando e aprimorando suas práticas educacionais voltadas à realidade social do discente.

Na observação participativa nas salas de aula, encontrou-se alguns professores cansados que só trabalham com livro didático, por achar que só marcando as páginas do livro e enviando aos pais ajudarem seus filhos nos exercícios de casa e ao ler os conteúdos do livro nas aulas os seus alunos irão aprender a ler e escrever. Essa prática não possibilita o letramento que requer outros processos adequados para tais habilidades de leitura e escrita tanto nas atividades educacionais quanto nas sociais.

O desconhecimento sobre o termo Letramento dos professores da Educação Fundamental da Escola Pública propicia-os à práticas descontextualizadas da realidade dos alunos da alfabetização no bairro periférico da zona norte de Manaus, esses educadores se aborrecem com as diversas práticas culturais realizadas na escola, acham que é perda de tempo, não compreendem que a partir dessas práticas, o indivíduo torna-se letrado e pode participar diretamente do mundo socia, acrescentando a imaginação infantil e desenvolvendo o vocabulários da criança e aumentando o conhecimentos e fluirão novos saberes.

Por isso, é necessário os eventos culturais na escola e sua importância que são deixadas na vivência da criança. Logo os mediadores podem trabalhar a leituras sobre os temas apresentados nos eventos culturais e produção de textos de orais e escritos a partir desses eventos a criança desenvolve a sua subjetividade e contribui para o seu desenvolvimento no ensino e aprendizagem e também dos colegas.

No ensino da Alfabetização na escola que foi realizada essa pesquisa, há um paradoxo no que se refere às práticas pedagógicas inseridas em alguns professores, por apresentarem práticas contraditórias à Alfabetização e Letramento que insistem em ações que permitem o ensino da leitura e escrita dissociada da função social, mas continuam com métodos tradicionais da decoração silábica sem antes realizar a leitura de textos e de livros infantis.

professores alfabetizadores que permitem sobretudo uma reflexão quanto às práticas executadas na sala de aula é necessário garantir ao aluno o direito de ser alfabetizado na perspectiva do letramento, visando integrar este aluno em seu meio social e em outros meios sociais, da melhor forma possível. A questão principal, obviamente não está em indicar um método perfeito para alfabetização, mas em ver o que cada um deles contribui no decorrer dos anos do processo do Ensino e Aprendizagem da alfabetização.

Para os docentes alfabetizadores conforme Soares (2020), não importa o métodos usados para alfabetizar, desde que desenvolvam os processos cognitivos e sejam levados a construir novos saberes acumulando assim o conhecimento através da assimilação dos conteúdos trabalhados pelo mediador, para melhor orientá-los. Ela deixa claro que não existe um melhor método, pois o melhor é quando o professor atinge o objetivo que é alfabetizar e letrar na cultura do aluno, só assim ele pode se expressar e produzir seu conhecimento de maneira livre para criar e recriar produções textuais.

Portanto, espera-se que a leitura dessa pesquisa contribuía para a importância da prática pedagógica de planejar as aulas, na perspectiva de um ensino de qualidade para os alunos da Alfabetização e Letramento como dos demais cursos, que esse processo-aprendizagem seja satisfatório para os professores que se regozijam quando a criança assimila o conteúdo ensinado e prazerosos para os alunos que desejam crescer em estatura e conhecimento de novos saberes.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. **A integração social do deficiente**: análise conceitual e metodológica. Mesa redonda; a questão da integração do deficiente. XXIV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto. SP, 1994.

ARAÚJO, Marciano Vieira de. BARROS, Delma. **Formação de professores, currículo e práticas pedagógicas no município de Aquiraz**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 05, Vol. 06, pp. 56-201. Maio de 2019. ISSN: 2448-0959

BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. L. N. F. F. **Aulas Presenciais em Tempos de Pandemia**: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. Rev. Augustus, v.25, n. 51, p. 255-280, Brasília, 2020.

BATISTA, Antônio G. ET. Al. Pró – **Letramento Alfabetização e Linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica**. Brasília 2013.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília 2018.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a Educação Especial**, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011/2014/2011/decreto/d7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011/2014/2011/decreto/d7611.htm). Acesso em: 14/03/2022.

\_\_\_\_\_. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Ministério da Educação, MEC/SEF. Brasília (1997).

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Educação**. PNE/Ministério da Educação. Brasília, Distrito federal DF: INEP. 2014/2024.

\_\_\_\_\_. Presidência da república. Lei nº 6.697. Institui o Código de menores. Brasília, 1979.

CARVALHO, Jaciara de Sá. **Uma Concepção de Cidadania (Planetária) para Formação Cidadã-Ação**, v. 42, p. 105-121, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/ia.v42i1.44516>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

DESLANDES, Suely, Ferreira. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. ed. Vozes, Rio de Janeiro 1994.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Linguagem Escrita** / Emília Ferreiro, Ana Teberosky; tradução Diana Myriam Lichtenstein, Luana Di Marco, Mário Corso. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp.129-160.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. MACEDO, D. **Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura de Palavra**, Paulo Freire, Do Aldo Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, L. C. **Os reformadores empresariais da educação: a consolidação do neotecnismo no Brasil**. São Paulo: 2011.

FREITAS, M. T. A. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa** / Antonio Carlos Gil – 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa** / Antônio Carlos Gil, - 6. ed. – [3 Reimpr.]. – São Paulo: Atlas, 2019.

\_\_\_\_\_. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** / Antonio Carlos Gil, - 7. Ed. – São Paulo Atlas, 2019.

GUIMARÃES, T. A. **Gestão de competências e gestão de desempenho**. Técnicas de Ensino: Por que não? 12a. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

JAPIASSU, H, **Interdisciplinaridade e patologia do saber**, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LIBÂNEO, José C. Ainda as perguntas: **O que é Pedagogia, quem é o pedagogo**, o que deve ser o curso de Pedagogia. In: Pimenta, Selma G. (org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia e Pedagogos, Para Quê**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LUCK, Heloísa. **Dimensões de Gestão Escolar e Suas Competências**. ed. Positivo. Curitiba 2009.



MAGALHÃES, J. **Trabalho docente sob fogo cruzado** [recurso eletrônico] /Organizador: Jonas Magalhães ... [et al.]. – 1. ed. - Rio de Janeiro : UERJ, LPP, 2021.

MORAIS, G, A, S; BRITO, Antônia, E. (2008). **Prática Pedagógica Alfabetizadora: questões de letramento.** Disponível em <<http://www.leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2008/GT20Brito.pdf>> Acesso em 13 ago. 2020.

NEVES, F, J, T. **Os primeiros passos no Ensino superior** / Fábio José Tenório Neves. Manaus EDUA, 2000.

NIENOV, O, H. & CAPP, Edson: **Estratégias e Didáticas para Atividades Remotas**/UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL organizadores: Otto Henrique NIENOV e Edson CAPP - Porto Alegre: 2021.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento Estratégico: conceitos, metodologia e práticas** – 26 ed. – São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, Romualdo. P. **“Política Educacional no Brasil: alguns desafios dos anos 90”**. Revista da FEUSP, 18,1 (1992): 5 – 20.

OLIVEIRA, Marta. K. **Pensamento e Ação no Magistério: VYGOTSKY. Aprendizado e Desenvolvimento um processo Sócio-Histórico** – ed. - São Paulo - Scipione 1993.

PIAGET. J. **A construção do real na criança.** 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

PIMENTEL, Claudia. **Espaços de livro e leitura: um estudo sobre as salas de leitura de escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

SILVA, A. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (13.: 2006: Recife, PE) **Novas Perspectivas, currículo, docência e questões pedagógicas na Perspectivas da inclusão social** / Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino; organizadoras: Ainda Maria Monteiro Silva...[et al.]. – Recife: ANDIPE, 2006.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

\_\_\_\_\_. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

VASCONCELLOS, C, S. NEVES, F, J, T. **Planejamento Projeto de Ensino /Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico.** Ladermos Liberdade – 1. 7° . São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Projeto político pedagógico (Projeto Educativo) O plano Integral da Instituição.** Ladermos Liberdade – 1. 6°. São Paulo, 2002.

ZANETTE, M. S. **Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017.

